Brincando com fogo: até que a ficha caia

Jugando con fuego: hasta que caiga el telón

Playing with fire: until the penny drops

Santiago Alcázar

Resumo. Brincando com fogo é a expressão que melhor define a situação em que se encontra o mundo. Dizem alguns que uma nova pandemia pode surgir. Não se sabe se será como a Covid-19, quando pegou a todos de surpresa. A próxima poderá ser mais letal. Preocupa que não estejamos preparados. Políticas de ajuste fiscal, com cortes em áreas como ciência, saúde, proteção social – combinadas com o descaso com o meio ambiente oferecem oportunidades para doenças emergentes. Nada disso é novo. Quando os países tomaram a decisão política de ingressar na Organização das Nações Unidas, estava implícito que regrariam as suas respectivas políticas nacionais em conformidade com os objetivos de velar pela paz e a segurança, reconhecer e respeitar os direitos humanos e cooperar para o desenvolvimento. Pouco se fez. Por isso o despreparo

Palavras-chave: ONU; pandemia; preparação.

Resumen. *Jugando con fuego es la expresión que mejor retrata la situación del mundo em que vivimos. Algunos dicen que una nueva pandemia pude surgir. No se sabe si será como la Covid-19, cuando sorprendió a todos. La próxima pandemia podrá ser más letal. Preocupa que nos estemos preparados. Políticas de ajuste, con corte em áreas como ciencia, salud y protección social – combinadas con ele descuido con el medio ambiente, ofrecen oportunidades para el surgimiento de nuevas enfermedades. Nada de eso es nuevo. Cuando los países tomaron la decisión política de ingresar en la Organización de Naciones Unidas, estaba subentendido que tendrían que ajustar sus respectivas políticas a los objetivos de velar por la paz y la seguridad, por el reconocimiento y respeto de los derechos humanos y por la cooperación para el desarrollo. Poco se hizo. Por eso no estamos preparados*

Palavras clave: *ONU; pandemia; preparación.*

Abstract. *Playing with fire is what better describes the world we live in. Experts say a new pandemic might emerge. Nobody knows if it will be like Covid-19, that surprised everyone. The next pandemic might be more lethal. Adjustment policies, cuts in science, health and social protection – combined with neglect of the environment offer opportunities for the emergence of new diseases. Nothing of this is new. When countries decided to join the UN, it was implicitly understood that they would adjust their respective policies to the objectives of ensuring peace and security, recognition and respect of human rights and cooperation for development. Little was done. This is why we are not prepared.*

Keywords: *UN; pandemic; preparedness*

Cansamos de ouvir que a Covid-19 pegou a todos de surpresa. O que causa surpresa é que tenha sido uma surpresa. Afinal de contas, todas as condições para uma pandemia estavam dadas, tanto as de natureza ambientais, quanto as de natureza biológica. Os especialistas haviam advertido que era provável o surgimento de uma pandemia. E veio a Covid-19.

Hoje as condições se repetem e os especialistas voltam a advertir que é muito provável que tenhamos uma nova pandemia. Ninguém pode dizer quando ela vira, como será ou quão grave serão as suas consequências. Mas ela virá e o mundo continua despreparado.

Aquecimento global força mudanças de habitats de animas silvestres. Essas mudanças, por sua vez, provocam alteração na distribuição populacional de vetores e hospedeiros. O resultado é a emergência de doenças. Essa dinâmica é bem conhecida de ambientalistas e biólogos. O hantavírus que, há uns dias, infectou passageiros a bordo de um cruzeiro que partiu de Ushuaia, na Argentina, é um exemplo dessa dinâmica.

Aquecimento global, desmatamento, urbanização, agricultura intensiva têm as impressões digitais da ação humana. O planeta, a única plataforma para suportar a vida tal como a conhecemos, traz as cicatrizes do castigo a que é submetido.

Algo está terrivelmente errado com as políticas e decisões que tomamos. Se fossem outras as políticas e as decisões, o planeta não carregaria o peso do descuido; não sofreríamos da crise do aquecimento global; nem do desmatamento criminal; nem da urbanização desordenada e não pensada; nem da agricultura de cobiça intensiva.

Há pouco mais de 80 anos, o mundo despertava para os horrores da maior calamidade humana jamais vivida até então. A 2ª Guerra deixara entre 70 e 85 milhões de mortos, aproximadamente 3% da população mundial da época, dois terços dos quais eram civis. Milhares de cidades, vilarejos e aldeias devastadas. Milhares de quilómetros de estrada e de vias férreas arruinadas. Fabricas, pontes, usinas de energia, veículos de transporte destruídas. A barbárie e a desolação chocaram. Ninguém tinha clareza sobre nada, como se havia chegado a isso que tanto espanto causava.

Alguns líderes, no entanto, sabiam, porque eles próprios haviam provocado todo esse horror. Talvez preocupados com manter alguma legitimidade pós-desastre fizeram uma aposta colossal. Decidiram criar a Organização das Nações Unidas, iniciativa voltada para a paz e a segurança, para a promoção dos direitos humanos e para o desenvolvimento.

A ideia era que os países se unissem na Organização das Nações Unidas – para tentar um novo começo – e fazer tábula rasa sobre os crimes de guerra cometidos para vencer a Guerra – para legitimar o novo começo. Os Tribunais de Nuremberg e de Tóquio foram estabelecidos para julgar os crimes cometidos pelos adversários, não para os que autorizaram bombardear Dresden, Hiroshima e Nagasaki.

Assim, a Organização das Nações Unidas seria erguida em cima de 3 ideias-pilares: paz e segurança; direitos humanos; desenvolvimento. Ninguém poderia opor-se em sã consciência a essas 3 ideias-pilares. Para arrematar, decidiram que a legitimidade das 3 ideias-pilares recairia, não sobre eles, os altos dignatários, mas diretamente sobre os povos por meio da expressão de grande apelo popular *Nós, os povos*.

Nós, os povos são as primeiras palavras do preâmbulo da Carta, o instrumento constitutivo da Organização das Nações Unidas, concluída na cidade de São Francisco, em 1945.

Foi a fórmula encontrada para passar pano e legitimar os perpetradores de crimes que assim se alçaram em proprietários da nova ordem internacional que estava para nascer.

Paz, direitos humanos e desenvolvimento circulavam em corredores e salas, vertidas ao francês, inglês, chinês, russo, português e espanhol. Eram ouvidas, lidas e escritas em telegramas e despachos internos, em chancelarias, em cafés, em pequenos círculos.

As ideias têm vida. Ninguém sabe de onde vêm. Surgem, como algo trazido pelo vento. Envolvem-se nas conversas com outras ideias. São trocadas, modificadas, melhoradas, pioradas. Sobrevivem em um sopro. Semeiam tempestade. Espalham-se por toda parte. Não são propriedade de ninguém. Respondem a perguntas profundas, imemoriais. Iguais e diferentes, fazem-se presentes quando menos se espera e surpreendem.

É pouco provável que os líderes que levaram adiante o projeto da ONU terão imaginado a profundidade encerrada nas 3 ideias-pilares. Em primeiro lugar, porque são pilares, essas ideias reforçam-se mutuamente. Cada uma depende das outras duas e não podem ser tratadas de maneira independente. Em segundo lugar, as 3 ideias-pilares são abraçadas por um cinturão que as mantêm unidas. Esse cinturão é a solidariedade. Porque se é solidário, trabalha-se para a paz e a segurança. Porque se é solidário, reconhecem-se e respeitam-se os direitos humanos. Porque se é solidário, coopera-se para o desenvolvimento.

É pouco provável que, ao assinarem a Carta, os chefes vitoriosos terão tido noção das implicações nela subentendidas. As 3 ideias-pilares são o coração da Carta e o que elas dizem é que elas devem servir de Norte para a formulação e execução de todas as políticas dos Estados membros, sejam elas internas ou externas. É preciso ter clareza sobre isto. O sentido da Carta é que os governos dos países (dos povos) tenham sempre presente que as suas políticas e decisões podem ter impacto sobre a paz e a segurança, sobre os direitos humanos e sobre o desenvolvimento. Há um entendimento tácito ao subscrever a Carta de fazer do impacto nas 3 ideias-pilares o ponto de partida e a lente definidora para examinar as respectivas políticas.

Em setembro de 2006, às margens da 61ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas, os ministros de negócios estrangeiros de África do Sul, Brasil, França, Indonésia, Noruega, Senegal e Tailândia decidiram trabalhar para inserir a saúde na política exterior de seus respectivos países. Após negociações que se estenderam por seis meses, o resultado foi a adoção da *Declaração de Oslo intitulada Saúde Global: um assunto urgente da política exterior de nosso tempo*, concluída em março de 2007, em Oslo.

Diz a Declaração:

> *Vida e saúde são os nossos bens mais preciosos. Há crescente consenso de que investimento em saúde é fundamental para o crescimento econômico e para o desenvolvimento. Cremos que a saúde como um tema da política exterior precisa inserir-se na agenda internacional. Por essa razão decidimos fazer do impacto na saúde um ponto de partida e uma lente definidora que cada um de nossos países usarão para examinar pontos cruciais de nossas respectivas políticas exteriores, bem como de nossas respetivas estratégias de desenvolvimento.*

A Declaração de Oslo põe em termos explícitos o que está implícito na Carta de São Francisco. O que a Declaração diz claramente com respeito à saúde é o mesmo do que está

implícito na Carta. Os governos dos países devem guiar-se pelo reconhecimento e respeito dos direitos humanos, pela cooperação solidária para o desenvolvimento e pela manutenção da paz e da segurança, tanto no plano interno, quanto no plano externo[1]. As 3 ideias-pilares são a pedra fundamental da Organização e, deveria também ser a dos Estados membros da Organização das Nações Unidas.

Não foi o que aconteceu. A África do Sul, membro fundador da Organização, iniciou a sua política de apartheid em 1948. Israel, admitido em 1948, havia levado a efeito atos terroristas contra a população árabe e hoje continua com políticas fascistas contra os palestinos na Palestina ilicitamente ocupada. Os EUA, principal promotor das Nações Unidas, têm longa e triste história de racismo e belicosidade. As ditaduras na Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Uruguai, para citar somente aquelas com as quais temos mais familiaridade, obviamente não se guiaram pelas 3 ideias-pilares nas sessões de tortura e nos assassinatos

O conflito Leste-Oeste politizou a questão dos direitos humanos - os países ocidentais favorecendo os direitos civis e políticos; os países a Leste, os direitos econômicos, sociais e culturais. A unidade das 3 ideias-pilares foi assim despedaçada.

O FMI e o Banco Mundial, que fazem parte do Sistema Nações Unidas e tinham como objetivo inicial funcionar como instituições auxiliares para o desenvolvimento, ao final de década de 1970 mudaram a orientação para a lógica do mercado financeiro.

A década perdida, 1980, foi a do aumento da desigualdade, da fome e da pobreza. Com o fim da Guerra Fria veio o Consenso de Washington com as suas bandeiras de ajuste fiscal, privatização, desregulamentação, livre mercado – acentuou ainda mais as inequidades, o desemprego e a pobreza. As teses neoliberais em voga contradiziam as 3 ideias-pilares da Carta ao tempo em que chocavam e frustravam os que ainda tinham fé num mundo melhor.

Seguiu-se a década de 1990 com as conferências das Nações Unidas sobre temas sociais, até então silenciados pela lógica da Guerra Fria. A agenda progressista dos temas sociais esbarrou na fria realidade do sistema financeiro internacional, ajustado para seguir as regras do mercado, não necessariamente condizentes com os propósitos das Nações Unidas.

A agenda progressista dos temas sociais avançados naquelas conferências da ONU esbarraria na fria realidade do sistema financeiro internacional, ajustado para seguir as regras de mercado que pediam mais ajuste, mas privatização e mais desregulamentação. A tensão entre os que lucravam e os que perdiam aumentava a cada dia.

A tensão estourou em 1999, na batalha de Seattle, quando a Organização Mundial de Comércio – também parte do Sistema Nações Unidas – realizou reunião naquela cidade para continuar na agenda neoliberal, contrária aos anseios por uma agenda mais humana.

Talvez preocupados com o aumento das tensões, os líderes adotaram em Conferência das Nações Unidas, realizada em 2000, os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), um conjunto de metas que tinham que ser alcançadas até o ano 2015. Não obstante as boas intenções, os ODM ficaram aquém do esperado, pois mais uma vez esses objetivos não se coadunavam com a lógica do sistema financeiro internacional.

[1] O preâmbulo da Constituição de 1988 reflete bem o preâmbulo da Carta com as suas 3 ideias-pilares.

Felizmente, 2015 não a constatação de um fracasso. Havia ainda um tom de otimismo, de que era possível reverter as injustiças sociais. Os líderes tentaram de novo, desta vez com um projeto muito mais amplo e ambicioso que, certamente, faria honra às 3 ideias-pilares. Adotaram a Agenda 2030, com a esperança de ser a primeira geração a acabar com a fome e a pobreza e, talvez, a última a poder salvar o planeta. A Agenda 2030 é o mapa de caminho de consenso para alcançar o desenvolvimento puxando a agenda dos direitos humanos e servindo de base para a paz e a segurança internacional.

No mesmo ano de 2015, foi adotado por consenso o Acordo de Paris, que procura manter a temperatura global em nível compatível com a preservação do ecossistema[2].

A Agenda 2030 e o Acordo de Paris são complementares. Enquanto a Agenda propõe o caminho para o desenvolvimento, levando adiante a agenda de direitos humanos, bem como a de manutenção da paz e segurança, o Acordo aponta para a transição de um modelo de produção e consumo de energia para outro, novo e renovável. O desafio é enorme. Aproximadamente 85% de toda a energia produzida e consumida no mundo é de origem fóssil. Ademais dos custos volumosos, a transição envolve tecnologias ainda não totalmente dominadas por um único país. O que está em jogo, portanto, é saber qual modelo será vencedor. O país que conseguir impor um novo modelo para produção e consumo de energia renovável será a nova potência hegemônica. Estamos no limiar de uma nova era e, como das vezes anteriores, com a faca entre os dentes.

Como sempre aconteceu ao longo de 80 anos de história, as 3 ideias-pilares que poderiam orientar as políticas e decisões para um mundo melhor, serão postas de lado, aguardando a próxima pandemia que pede licença para nos açoitar. Como sempre, continuamos despreparados. Como sempre, esqueceremos os nossos erros e repetiremos o que há de pior em nós. Até que a ficha caia.

[2] Manter a temperatura no máximo 2º C acima da média pré-industrial, fazendo o possível para que não passe de 1,5º C.